



# UTILIZAÇÃO DE LATRINAS E LOCAIS DE DESCANSO POR *LONTRA LONGICAUDIS* (OLFERS, 1818) EM UM ARROIO COSTEIRO NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA LAGOA VERDE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

C. Ibarra <sup>1</sup>

F.M. Quintela <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Curso de Ciências Biológicas - Bacharelado, Universidade Luterana do Brasil, Av. Farroupilha no8001, Bairro São José, Canoas, RS, CEP.92425 - 900 - ibarrachyntia@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Programa de Pós - Graduação em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Biologia, Av. Itália, Km 8, Vila Carreiros, Rio Grande, RS, Brasil, C.P. 474, CEP. 96.201 - 900.

## INTRODUÇÃO

A lontra neotropical *Lontra longicaudis* (Olfers, 1818) é um mamífero semi - aquático pertencente à ordem Carnívora, habitante de corpos d'água continentais e mesmo de sistemas marinhos. Sua distribuição geográfica abrange desde o nordeste do México até o Uruguai e Província de Buenos Aires, Argentina, a leste dos Andes (Emmons & Feer, 1997; Cheida *et al.*, 2006).

Apesar da ampla relação com os ambientes aquáticos, evidenciadas em suas características morfológicas, a lontra neotropical é ainda dependente do meio terrestre para descanso entre períodos de atividade e crescimento dos filhotes (Waldemarin & Colares, 2000). Nesse contexto, os locais utilizados pela espécie estão geralmente localizados próximos aos corpos d'água, podendo ser cavidades naturais entre rochas, espaços escavados entre raízes de árvores em barrancos, ou estruturas como pontes ou ductos de drenagem (Quadros & Monteiro - Filho, 2002). Em áreas com menor grau de perturbação antrópica, podem ser utilizados locais sobre o solo, desprovidos de proteção (Waldemarin & Colares, 2000).

No Brasil, alguns estudos sobre utilização de abrigos e latrinas por *L. longicaudis* foram desenvolvidos nas regiões Sul e Sudeste do país (Soldateli & Blacher, 1996; Pardini & Trajano, 1999; Waldemarin & Colares, 2000; Quadros & Monteiro - Filho, 2002; Brandt, 2004; Kasper *et al.*, , 2004, 2008). Dentre esses, os trabalhos de Waldemarin & Colares (2000), Brandt (2004), e Kasper *et al.*, , (2004, 2008) foram realizados no Estado do Rio Grande do Sul, região Sul, sendo o primeiro a única investigação conduzida na formação da Planície Costeira. Frente à escassez de informações na região, o presente estudo apresenta dados sobre a utilização de abrigos e latrinas por *L. longicaudis* em um arroio costeiro na região sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.

## OBJETIVOS

Descrever os abrigos e locais utilizados como latrinas por *Lontra longicaudis* em um arroio costeiro na região sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, além de analisar a frequência de utilização dos mesmos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido em um arroio costeiro (Arroio Bolaxa) localizado na Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde, município de Rio Grande (32°09'S; 52°11'W), região sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. O arroio possui uma extensão de aproximadamente 4 km, forma meandrante e leito arenoso, sendo formado a partir de banhados holocênicos. A margem oeste é caracterizada pela presença de mata arenosa ciliar, com predominância de espécies arbóreas e herbáceas tais como *Ficus organensis*, *F. luschnatiana*, *Erythrina crista - galli*, *Myrsine parvifolia*, *Salix humboldtiana*, *Schinus terenbinthifolius*, *Eryngium elegans*, *E. pandanifolium*, *Schenoplectus californicus*, *Scirpus giganteus*, *Cyperus* spp. A margem leste é caracterizada por predominância de vegetação gramínea, com algumas manchas de vegetação herbácea e arbórea. Esta margem também é intensamente utilizada para a pastagem de gado bovino e ovino e para a pesca recreativa.

Entre julho de 2008 e maio de 2009, foi percorrido mensalmente um trecho de 1,1km nas margens leste e oeste do arroio, sendo os abrigos e latrinas localizados com base na presença de fezes, pegadas, muco e arranhões nas áreas visitadas. Foram considerados abrigos os locais caracterizados por presença de cobertura, sendo latrinas os locais desprovidos de cobertura. Os abrigos e latrinas encontrados foram georreferenciados e marcados com estacas numeradas, sendo medidas a altura do barranco e das entradas dos abrigos (em relação ao nível da água) e a distância da

água. A frequência de utilização de cada abrigo e latrina foi calculada pela divisão entre o número de verificações com constatação de sinais de utilização pelo número total de verificações, desconsiderando - se os períodos de alagamento.

## RESULTADOS

Um total de 25 latrinas e dois abrigos foi encontrado ao longo do trecho vistoriado. Vinte e três latrinas e os dois abrigos foram localizados na margem oeste (mata arenosa ciliar), enquanto que duas latrinas foram localizadas na margem leste (área campestre). Os abrigos constituíram - se de espaços entre raízes das espécies arbóreas, sendo: abrigo A - espaço entre raízes de *Salix humboldtiana*, com duas entradas localizadas uma ao nível da água e outra a 25cm da superfície da água; abrigo B - espaço entre raízes de *Schinus terenbinthifolius*, com duas entradas localizadas, uma ao nível da água, e outra a 45cm da superfície. Cinco latrinas compreenderam troncos de espécies arbóreas inclinados sobre o arroio, com alturas variando entre 0,40 e 1,1m e inclinações entre zero e 55°. As demais latrinas foram localizadas no solo, com substratos variando entre solo arenoso exposto, cobertura gramínea e serrapilheira. A altura do barranco em relação ao nível da água nestes locais variou de 0,18 a 1,55m, enquanto que a distância da água variou de 0,80 a 3,40m. O abrigo A foi utilizado no período entre janeiro e maio de 2009, sendo encontradas fezes e pegadas em seu interior. O abrigo B permaneceu alagado durante os meses de agosto, setembro e outubro, sendo constatada sua utilização nos demais períodos. No interior do abrigo B foram encontradas fezes, muco, pegadas e arranhões. Duas latrinas foram utilizadas apenas uma vez. Outras duas foram reutilizadas ao longo de todo o período compreendido pelo estudo, sendo encontradas fezes em todas as verificações. As demais latrinas foram utilizadas ao menos duas vezes. A deposição de muco foi constatada em 13 latrinas (52% do total de latrinas). Pegadas foram encontradas em 14 latrinas (56%), enquanto que duas latrinas (8%) apresentaram marcas de arranhões.

Abrigos constituídos por espaços entre raízes de árvores também foram encontrados por Pardini & Trajano (1999), Quadros & Monteiro - Filho (2002) e Kasper *et al.*, (2004, 2008). Este foi o único tipo de abrigo encontrado por Quadros & Monteiro - Filho (2002) em sistemas límnicos caracterizados por substratos lodosos e arenosos e com ausência de formações rochosas, assim como o habitat do presente estudo.

No presente estudo foi verificado uma maior concentração de latrinas em um trecho de margem coberto por mata ciliar, em comparação a um trecho de mesma extensão com predominância de formações campestres. Foi também constatada a ocorrência de abrigos unicamente na margem com presença contínua de mata ciliar. Esses dados evidenciam a importância dessa formação florestal na utilização de recursos espaciais por *L. longicaudis* na área de estudo. A predominância de utilização de locais em áreas com maior grau de preservação da vegetação ripária também foi constatada por Alarcon & Simões - Lopes (2003) na Ilha de Santa Catarina e por Carrilo - Rubio & Lafón (2004) no centro - oeste do México. Nesse contexto, a preservação das

matas ciliares é de extrema importância para a conservação da espécie.

## CONCLUSÃO

Na área investigada, *L. longicaudis* tem preferência por utilizar margens caracterizadas por presença contínua de mata ciliar. Os dados obtidos no presente estudo evidenciam a importância da preservação da vegetação ripária para a manutenção dos recursos espaciais utilizados por *L. longicaudis* nas margens dos sistemas fluviais.

Agradecemos a Rafael A. Porciuncula pela ajuda na marcação das latrinas e a Elton P. Colares pela leitura e sugestões ao manuscrito.

## REFERÊNCIAS

- Alarcon, G.G., Simões - Lopes, P.C. Preserved versus degraded coastal environments: a case study of the neotropical otter in the Environmental Protection Area of Anhatomirim, southeastern Brazil. IUCN Otter Spec. Group Bull., 20(1):6 - 18, 2003.
- Carrilo - Rubio, E., Lafón, A. Neotropical river otter micro - habitat preference in west - central Chihuahua, Mexico. IUCN Otter Spec. Group Bull., 21(1):10 - 15, 2004.
- Cheida, C.C., Nakano - Oliveira, E., Fusco - Costa, R., Rocha - Mendes, F., Quadros, J. Ordem Carnívora. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A.; Lima, I.P. (eds.). Mamíferos do Brasil. Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006, p.231 - 275.
- Emmons, L.H., Feer, F. 1997. Neotropical rainforest mammals: A field guide. 2ª ed. The University of Chicago Press, Chicago, 1997. 307p.
- Kasper, K.B., Bastazini, V.A.G., Salvi, J., Grillo, H.C.J. Trophic ecology and the use of shelters and latrines by the Neotropical otter (*Lontra longicaudis*) in the Taquari Valley, Southern Brazil. Iheringia, Sér. Zool., 98(4):469 - 474, 2008.
- Kasper, K.B., Feldens, M.J., Salvi, J., Grillo, H.C.J. Estudo Preliminar sobre a ecologia de *Lontra longicaudis* no Vale do Taquari, Sul do Brasil. Rev.Bras. de Zool., 21(1):65 - 72. 2004.
- Pardini, R., Trajano, E. 1999. Use of shelters by the neotropical river otter (*Lontra longicaudis*) in an Atlantic Forest stream, Southeastern Brazil. J. Mammal., 80(2):600 - 610, 1999.
- Quadros, J., Monteiro - Filho, E.L.A. Sprinting sites of the neotropical otter, *Lontra longicaudis*, in an Atlantic Forest Area of southern Brazil. Mast. Neotrop. 9(1):39 - 46, 2000, 2002.
- Soldateli, M., Blacher, C. Considerações preliminares sobre o número e distribuição espaço/temporal de sinais de *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818) (Carnívora: Mustelidae) nas lagoas da Conceição e do Peri, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. Biotemas, 9:38 - 64, 1996.
- Waldemarin, H.F., Colares, E.P. Utilization of resting sites and dens by the neotropical river otter (*Lontra longicaudis*) in the south of the Rio Grande do Sul State, Southern Brazil. IUCN Otter Spec. Group Bull., 17(1):14 - 19, 2000.